

# O GRANDE HOMEM E A MASSA

De EVARISTO DE MORAES FILHO

I

DEVE-SE à sociologia a exata colocação do problema das relações do grande homem, do gênio, do tipo excepcional com o grande número, com a massa, com os que não se destacam particularmente. E isso por uma razão muito simples: antes do surgimento da sociologia como ciência constituída, com objeto próprio e inconfundível, predominavam a política, o direito e a economia política, nas quais ainda se emprestava uma importância exagerada ao indivíduo isolado diante do resto do corpo social. Com a sociologia, deu-se a inversão do problema, não sem certo exagero, é certo. Passou o fato social e o grupo a serem os objetos precípuos da nova maneira de estudar a sociedade.

Interessava-se ela pelo estudo das regularidades estatísticas, pelas repetições, pelos caracteres de generalidade. Só assim poderia chegar à concepção de princípios gerais, de tendências abstratas ou mesmo, em certos casos restritos, de verdadeiras leis universais. Pelo menos, era este o seu ideal, à maneira de ciências naturais que lhe serviam de modelo. E com isto ganhou muito em profundidade e extensão o estudo do grande homem. A sociologia passava a vê-lo de fora, confundido entre os demais, como fazendo parte de um determinado grupo social: família, escola, profissão, religião, partido político, estilo artístico, escola estética, e assim por diante. Já o indivíduo não era mais encarado em si mesmo, como que trancado dentro de um fêcho-*"éclair"*, mumificado, isolado do resto do mundo. Pelo contrário, passou a ser visto como uma peça no meio de um mosaico, como uma figura que se destacava do fundo comum. Ambiente e personalidade, hereditariedade e educação não puderam nunca mais ser separados sem deixar resto. Formam, entre si, um todo inextricável. Daí, talvez, a permanente ambição do grande filósofo alemão Max Scheler de criar uma *antropologia filosófica*, em que o homem fosse compreendido em toda sua realidade e em todas as suas dimensões: cósmica, biológica, psíquica, social, metafísica e religiosa. Só assim seria possível surpreendê-lo num instantâneo de corpo inteiro, e não fracionado didaticamente pelos diversos ramos do conhecimento que com ele se preocupam.

E é curioso destacar: se Aristóteles já dizia na antiguidade clássica que o homem é um animal social, isto é, que somente pode viver e prosperar, material e espiritualmente, em grupo; coube a Augusto Comte, o fundador da sociologia — ou, pelo menos, o seu padrinho, como pretende Bouglé — reduzir o problema do estudo do grande homem às suas verdadeiras proporções.

Hoje em dia constitui lugar comum em sociologia, especialmente no capítulo da invenção, que o homem de gênio não tira do nada, é um produto de sua época. Muito do que consegue deve ele às gerações que lhe antecederam no tempo. Seria impossível, já se disse, encontrar um Descartes entre os selvícolas da Austrália. Mas, na época de Comte, mostrando mais uma vez o seu poderoso gênio sociológico, combateu ele a concepção do gênio, solto no tempo e no espaço. Trouxe-o para a realidade social, unindo-o às ge-

rações que o antecederam. A invenção é, assim, um produto tanto social, quanto individual. Em suas palavras: "A história dos conhecimentos humanos prova, entretanto, do modo mais sensível, e os melhores espíritos já o reconheceram, que todos os trabalhos se encadeiam nas ciências e nas artes, seja na mesma geração, seja de uma geração à outra; de tal modo que as descobertas de uma geração preparam as da seguinte, como já haviam sido preparadas pelas da precedente. Constatou-se que o poder do gênio isolado é muito menor do que se supunha. O homem, por mais justamente ilustrado que seja pelas grandes descobertas, deve quase sempre a maior parte de seus sucessos a seus antecessores na carreira que adotou. Em uma palavra, o espírito humano segue, no desenvolvimento das ciências e das artes, uma marcha determinada, superior às maiores forças intelectuais, que não aparecem, por assim dizer, senão como instrumentos destinados a produzir em certos tempos as descobertas sucessivas."

E note-se que Comte escrevia isso no seu célebre opúsculo *Prospectus des travaux scientifiques nécessaires pour réorganiser la société*, aparecido em abril de 1822, ainda muito moço, com 24 anos de idade.

Mais tarde, com inteiro desconhecimento da obra de Comte — pelo menos, a ela não fazendo a menor referência — volta Herbert Spencer a tratar do assunto, isto é, das relações do grande homem com a sociedade. Segue o fundador da sociologia nos países de fala inglesa a mesma orientação do pensador de Montpellier. Queremos nos referir ao capítulo II do *The Study of Society*, publicado em 1873, que leva o título: *Existe uma ciência social?* E é exatamente pelo problema do homem de gênio, pelos exageros do culto do herói que Spencer prova que existe ou deve existir uma ciência social. Os que só admitem no curso da civilização a lembrança dos personagens notáveis e de suas ações — escreve o filósofo de Derby — não estão preparados para interpretar cientificamente os fenômenos sociais.

E mais adiante, criticando os que assim pensam: "Se, em vez de nos mantermos presos a esta explicação do progresso social pela ação do grande homem, dermos um passo mais e perguntarmos de onde vem o grande homem, encontramos a teoria completamente em falta..." "A origem do grande homem é natural; isto admitido, torna-se necessário classificá-lo sem hesitar entre todos os outros fenômenos da sociedade, que lhe deram origem, entre os produtos dos estados anteriores desta sociedade. No mesmo grau que toda a geração da qual constitui uma pequena parte — no mesmo grau que as instituições, a língua, a ciência e os costumes — no mesmo grau que a multiplicação das artes e suas aplicações, ele nada mais é do que uma resultante de um enorme agregado de forças que agiram em conjunto durante séculos..." "Antes que ele possa refazer a sua sociedade, é necessário que a sociedade o tenha feito a ele próprio. Todas as mudanças das quais ele é autor imediato encontram suas causas principais nas gerações das quais descende. Se existe

(CONCLUI NA PÁGINA 103)



uma explicação verdadeira destas mudanças, deve ser procurada neste agregado de condições de onde saíram as mudanças e o homem”.

Justificam-se os exageros de Comte e de Spencer se levarmos em conta também os exageros das teorias até então admitidas da força tôda poderosa do herói, do gênio, do grande homem, isolados em sua tôrre de marfim, como um pêndulo sem atrito, perdidos nas nuvens, sem o menor contato com a realidade, fora do tempo e do espaço. O grande homem criaria *ex-se*, tiraria dêle mesmo, como se fôsse um demiurgo inteiramente autônomo e independente, como alguém que surgisse na terra vindo não se sabe de onde, tendo aprendido não se sabe de quem. Era contra esta teoria de geração espontânea que se voltavam os construtores da sociologia. Desde que existe história ninguém mais é inteiramente livre, como se aqui chegasse no primeiro dia da criação. Atrás de cada um há o passado que escraviza e que o faz agir de uma certa e determinada maneira, e não de outra.

---

**ERRATA** — No artigo anterior, do número de outubro, foi saltada uma linha na composição, que altera inteiramente o sentido do texto. Na primeira coluna, linhas 38/39, deve ser lido: “romântico é no divórcio entre a realidade e o artifício. O Brasil até hoje continua romântico, eis uma das suas afirmativas”.